

JULIÁN FUKS

A ocupação

1ª reimpressão



Estava à espera dos bárbaros como se estivesse à espera de si mesmo. Ele queria ser invadido. Queria ser conquistado, ocupado da cabeça aos pés, a ponto de se esquecer de quem era antes da invasão.

Mia Couto, Mulheres de cinzas

Não há sangue dos outros. Em cada um que sangra todos nós esvaímos.

Mia Couto, Sombras da água

1.

Todo homem é a ruína de um homem, eu poderia ter pensado. Aquele homem que se apresentava aos meus olhos era a encarnação dessa máxima, um ser em estado precário, um corpo soterrado em seus próprios escombros. Essa impressão não viria do pescoço fino, do torso esquelético, das pernas retorcidas sobre a cadeira de rodas, mas de um aspecto menor, circunstancial: o homem era naquele instante uma ruína de homem porque estava completamente embriagado. Soube pelas palavras repetidas, pelas frases truncadas, pela voz que era também a ruína de uma voz. Não olhei os seus olhos, nos seus olhos não cheguei a procurar a minha própria imagem.

Poderia ter pensado, mas não pensei porque caminhávamos juntos, ela e eu lado a lado, cruzávamos rumo ao centro aquela cidade que julgávamos nossa. O homem interpôs à nossa passagem aquele entulho de cadeira de rodas e pediu, com gentileza inesperada, que o empurrássemos até o fim da rua. Nem precisei consultá-la nesse caso. Assumi as duas hastes às costas do homem e lhe dei a direção precisa, batalhando as rodas contra a precariedade da calçada.

A meio caminho o homem nos deteve com um amplo meneio do braço. Podia chegar mais tarde à esquina, o que queria agora era tomar uma cachaça no boteco ao lado. Pedia que lhe comprássemos essa cachaça. Aqui é possível que tenhamos, ela e eu, trocado olhares. O homem estava bêbado demais, uma cachaça turvaria a pouca consciência que lhe restava, uma cachaça haveria de ser uma inundação sobre os seus destroços. E, no entanto, era evidente que esse homem levava uma vida de dores inimagináveis, dores pessoais ou familiares, dores físicas ou anímicas, dores que mereceriam sua diluição na quantidade máxima de álcool.

Juntos deixamos o homem na calçada e nos perdemos penumbra adentro naquela ruína de bar. Levava já a cachaça na mão esquerda, na mão direita minha única nota de dez reais, quando ouvi que alguém dirigia a ela a palavra, alguém mais tinha algo a nos pedir. Era um menino novo demais para ser uma ruína de menino, para ser sua própria ruína. Tinha sede, foi o que disse em sua voz fina, pedia apenas que lhe comprássemos um suco qualquer. Justo e preciso era o pedido, mas eu não pude senão sentir que havia algo indecoroso na troca óbvia, alguma imoralidade em romper a promessa que fizéramos ao outro, em deixar que a necessidade do menino se impusesse à vontade do homem.

O dilema era ínfimo, isso eu sabia, era a perversidade da nossa cidade manifesta em insignificância, a sordidez replicada mundo afora todos os dias, numa infinidade de esquinas. Ainda assim me vi rendido à paralisia. Na penumbra o olhar dela me era inacessível, e por um instante senti, embora nada tenha dito, que a palavra que eu dissesse seria a minha ruína.

2.

Não pensei se o homem era a ruína do homem quando cheguei para ver o meu pai. Não pensei em nada. Vi seu corpo sendo empurrado sobre uma maca, ouvi as rodas que guinchavam contra o piso do corredor, observei o semblante sério dos enfermeiros que o transportavam. Nas sombras que se projetavam nas paredes do hospital, sua silhueta parecia adquirir uma dimensão extraordinária. Estava crescendo o meu pai, como se o mal que sofria expandisse os seus contornos, como se o infortúnio aumentasse o espaço que ele ocupava no mundo. Só mais tarde a médica explicaria, apertando com dedos rijos aquele braço enorme: o pulmão perfurado deixava vaziar o ar que ele aspirava, e o ar se difundia sob a pele produzindo um inchaço geral.

Nas costas da minha mãe não senti semelhante inchaço. Enquanto a abraçava, as mãos espalmadas sobre suas escápulas, senti exatamente o contrário, como se aos ossos faltasse a carne, como se nada abraçasse. Minha mãe era naquele instante uma mulher mais mirrada que o normal, um corpo esguio demais para aceitar o meu afago. Separamos os nossos corpos como se